**PEDAGOGIA DO CINEMA EM PROL DE UMA AVALIAÇÃO EMANCIPATÓRIA**

Luciano Dantas Bugarin (PPGE-UFRJ)

Resumo

Em vista a romper com uma lógica de avaliação e currículo capacitadores, é importante um empenho na busca por práticas de ensino e aprendizagem inovadoras. Uma avaliação não pode se restringir ao “retrato” de um momento, nem a uma lógica de “recompensas” por eficiência. Aponta-se, nesse sentido, que uma pedagogia do cinema pode contribuir para o desenvolvimento de um espaço escolar, que favoreça o reconhecimento e a valorização das diferenças em sala de aula. É possível, por meio da linguagem do cinema, promover um diálogo entre o currículo escolar e as diversas vivências e conhecimentos dos alunos. Desse modo, evidencia-se, que a criação fílmica escolar possibilita a realização de uma avaliação emancipatória a partir de uma prática cultural, artística e social. À vista disso, é possível, por meio do cinema, contribuir com uma educação que busque uma justiça curricular que valorize, compreenda e dialogue com diferentes realidades educacionais.

Palavras Chaves: pedagogia do cinema, criação fílmica escolar, avaliação emancipatória, prática cultural.

Resumo Expandido

As políticas públicas educacionais no Brasil vêm, de forma progressiva, utilizando sistemas de avaliações externas às escolas e indicadores de rendimento escolar que conduzem a educação brasileira com base em uma lógica empresarial. Tratam-se de formas de avaliação, que além de limitadas, são injustificadas, pois não levam em consideração diversos parâmetros desproporcionais e colaboram na perpetuação das desigualdades sociais.

 A Base Nacional Comum Curricular foi constituída de modo a materializar um currículo escolar capacitador, sob a égide de um sistema avaliativo padronizado e adequado a um uso instrumental de gestão de resultados de políticas educacionais. O terceiro setor (NEVES, 2010) vem, progressivamente, impondo estes parâmetros curriculares em vista a uma educação pública totalmente voltada ao ensino técnico.

Considera-se insuficiente o que essas avaliações externas analisam. Trata-se de uma forma superficial de avaliar as competências dos alunos, fundamentada em um conceito de homogeneidade imposta, onde “há as limitações devidas a pouca abrangência do leque de conhecimentos e ações avaliados, assim como incapacidade de medir, por meio de testes, certos conteúdos importantes à formação dos estudantes” (ALMEIDA; DALBEN; FREITAS, 2013, p. 1161).

A gestão destas avaliações externas revelam a incompatibilidade dos conceitos gerenciais do setor privado com os objetivos da educação. A escola pública é transformada em um balcão de negócios, onde vendem-se materiais e tecnologias pedagógicos, serviços e também sistemas de avaliação. Porém, ensinar é diferente de vender. São avaliações que não representam um retrato autêntico de um processo de ensino-aprendizado, ao valorizar-se muito as competências, mas não a integração entre os conhecimentos.

 Avaliações externas e os índices que elas produzem são utilizados como instrumentos de mecanismos de controle fiscal em vista a implementação de políticas públicas educacionais. Dessa forma, desvirtua-se a função da avaliação de formação crítica em prol de uma lógica “da eficiência da gestão, da gerência pela busca por resultados” (SOUZA; FLORES, 2018, p. 801).

Desse modo, perpetua-se um currículo escolar excludente por basear-se em um princípio de padronização que não dá conta de um cenário educacional tão diverso, amplo e desigual como o brasileiro. Ou seja, os índices gerados por essas avaliações externas são superficiais e contraditórios, pois não levam em conta diferenças sociais estruturais e ainda as reproduzem por meio de um processo meritocrático que só aumenta a falta de identificação dos alunos com a escola.

 Em vista a romper com essa lógica de avaliação e currículo capacitadores, é importante um empenho na busca por práticas de ensino e aprendizagem inovadoras. Uma avaliação não pode se restringir ao “retrato” de um momento, nem a uma lógica de “recompensas” por eficiência. É preciso assegurar que o currículo escolar promova uma formação sensível e emancipatória.

 Aponta-se, nesse sentido, que uma pedagogia do cinema pode contribuir para o desenvolvimento de um espaço escolar, que favoreça o reconhecimento e a valorização das diferenças em sala de aula. É possível, por meio da linguagem do cinema, promover um diálogo entre o currículo escolar e as diversas vivências e conhecimentos dos alunos. “(...) o cinema é central para esse esforço. Ele nos espelha diferentes dimensões, etapas da vida, aprendizagens diversas, nos lembra emoções arcaicas conscientes e inconscientes, nos auxilia, com força ímpar para ver e rever nossa própria vida” (FRESQUET, 2007, p. 11).

Desse modo, evidencia-se, que a criação cinematográfica escolar possibilita a realização de uma avaliação emancipatória a partir de uma prática cultural, artística e social. Por meio dela, o aluno pode se apropriar de uma linguagem artística e construir novos sentidos para o conhecimento a partir do que se conhece e vive. Os conhecimentos devem ser compreendidos conforme as transformações sociais, e não ficarem engessados no tempo, ou servirem a uma formação puramente capacitadora.

A contínua predominância da utilização de índices que se baseiam em avaliações conteudistas, como o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb), contribui para uma instrumentalização das escolas que objetiva uma lógica de eficiência de mercado. O processo de ensino-aprendizado torna-se demasiadamente verticalizado por meio de uma hierarquia de conhecimento.

 Percebe-se de forma bastante nítida como as informações e comunicações estão pautadas no suporte audiovisual no mundo contemporâneo. Aponta-se que a bagagem imagética e cultural do aluno está associada ao seu cotidiano e que o cinema é uma linguagem estimuladora da imaginação devido a seu aspecto de entretenimento, onde crítica e fruição caminham juntos (BENJAMIN, 1985).

 Desse modo, evidencia-se que o cinema possibilita uma compreensão sensível e criativa do mundo ao redor por meio de uma prática social e cultural. Compreender não significa decifrar mas contextualizar, apropriar-se e interpretar. Exibir um filme em aula, por meio de uma abordagem pedagógica, transforma-o de uma forma de espetáculo para uma forma de pensamento (MICHAUD, 2013).

Os caminhos da educação formal precisam ser atravessados pela cultura, é desta maneira que podemos alcançar estruturas de ensino mais "abertas". Neste ponto de vista, estas estruturas "abertas" proporcionam uma liberdade maior dos processos de aprendizagem, desconstruindo os métodos e conteúdo como forma de repassar conhecimento utilizando meios que possibilitem a construção do conhecimento por meios inovadores assumindo e trabalhando com as pluralidades existente nas escolas impulsionando suas capacidades e transformando seus futuros (JUSTEN, 2022, p. 1-2).

 Uma pedagogia do cinema possibilita uma potencialização da percepção do aluno sobre a importância de uma pluralidade cultural. Por meio do aspecto plurimidiático[[1]](#footnote-1) do cinema, é possível redescobrir aspectos do cotidiano sob novos pontos de vista, de forma lúdica e significativa. Busca-se vincular o cotidiano do aluno à noção de produção de cultura de modo a estimulá-lo a uma maior compreensão de determinado espaço-tempo escolar em que o professor estará atuando para atingir objetivos curriculares.

 Defende-se a importância de associar uma pedagogia do cinema de forma concisa ao projeto político pedagógico de uma escola, de modo que possibilita-se uma avaliação mais íntegra do processo de aprendizado do aluno. Ou seja, valoriza-se a relevância de um sistema de avaliação que analisa o processo, e não apenas o resultado final, ao contrário de objetivos quantitativos, alheios à realidade escolar e estabelecidos por metas estabelecidas por gestões que buscam uma lógica de eficiência (SOUZA; FLORES, 2018).

 O cinema pode contribuir com o processo de ensino e aprendizado por seu desenvolvimento de aspecto não linear, que implica em um tempo de vivência pedagógico que agrega objetivos de uma avaliação que valoriza a alteridade e a sensibilidade da visão crítica. Almeja-se, assim, reforçar a importância da escola na formação humana. “Assim, em nossa busca dos objetivos da educação, não estamos preocupados em encontrar um fim externo ao processo educativo” (DEWEY, 2007, p. 11).

Defende-se, neste trabalho, a importância que uma pedagogia do cinema tem na busca pela valorização de práticas pedagógicas que promovam avaliações mais reflexivas, éticas, significativas e abrangentes do processo de aprendizado dos alunos. Desta forma, valoriza-se as diferenças, inteligências e disposições, por meio de uma perspectiva de assimilação e apropriação de uma linguagem artística. “Não é possível o desenvolvimento de uma cultura sem o desenvolvimento das suas formas artísticas. Não é possível uma educação intelectual, formal ou informal, de elite ou popular, sem arte” (BARBOSA, 2005, p. 5).

À vista disso, é possível, por meio do cinema, contribuir com uma educação que busque uma justiça curricular que valorize, compreenda e dialogue com diferentes realidades educacionais. Desse modo, o aluno pode se apropriar de uma linguagem artística e midiática e usá-la a seu favor, para expressar sua voz.

O cinema estimula a curiosidade do aluno, de modo que ele se interesse em compreendê-lo e utilizá-lo para se apresentar ao mundo e se fazer ser ouvido, notado e valorizado. A forma como o aluno percebe e ressignifica determinados aspectos estéticos pode variar de acordo com suas percepções, vivências e momentos. Ele se vale de um sentido imaterial pertinente a si para dar mais sentido a um significante narrativo e material em uma mídia audiovisual.

Desse modo, a criação fílmica escolar promove o desenvolvimento de aspectos sensíveis, ao invés de apenas competências ou capacidades em um processo de ensino hierarquizado. A prática cinematográfica pode incentivar o trabalho coletivo, a capacidade de organização, a valorização do trabalho de colegas e a autovalorização e uma observação crítica sobre o mundo ao redor a partir de um processo e olhar criativos.

Referências

ALMEIDA, L. C.; DALBEN, A.; FREITAS, L. C. O Ideb: limites e ilusões de uma política educacional. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 34, p. 1153-1174, out./dez. 2013.

BARBOSA, A. M. **A imagem no ensino da arte**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

BENJAMIN, W. A Obra de Arte na era da sua reprodução técnica. In: GEADA, Eduardo (org.). **Estéticas de Cinema**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1985.

DEWEY, J. **Democracia e educação: capítulos essenciais**. São Paulo: Ática, 2007.

FRESQUET, A. M. **Cinema, infância e educação**. In: 30ª ANPED, Caxambú, 2007.

JUSTEN, R. M. A. **Cultura, educação e audiovisual: projeto “Cinecult Delas”**. Monografia (Graduação em Produção Cultural). Instituto de Artes e Comunicação Social. Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2022.

LAFETÁ, J. C. A. C. **A intermidialidade no cinema de Peter Greenaway - uma análise intermidiática do filme *Prospero’s Books***. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais). Faculdade de Belas Artes, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

MICHAUD, P. **Aby Warburg e as imagens em movimento**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.

NEVES, L.M.W. (Org.). **Direita para o social e esquerda para o capital**: intelectuais da nova pedagogia da hegemonia no Brasil. São Paulo: Xamã, 2010.

SOUZA, F. A.; FLORES, M. M. L. Organização social de educação e seu financiamento: a nova panaceia para educação de Goiás? **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, v. 18, n. 3, p. 798-825, jul./set. 2018.

1. “Como o cinema é plurimidiático por natureza, por conter textos de mídias básicas de linguagem de igual importância e significação (a linguagem visual, a linguagem verbal e a linguagem sonora) os filmes são ricos objetos de análise intermidiática” (LAFETÁ, 2011, p. 14). [↑](#footnote-ref-1)